

Erro médico provoca outra morte

O pedreiro Baltazar Damas Silva, 29 anos, morreu ontem de madrugada, na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital de Base, durante cirurgia para a extração de um cateter que escapou das mãos de uma enfermeira no hospital Regional da Asa Norte e foi parar no seu coração. Baltazar estava há dois meses no HRAN se recuperando de uma infecção intestinal e por dificuldades no sistema excretor se alimentava pela traqueia. Na manhã de segunda-feira, quando iniciaria alimentação normal, já quase restabelecido, sofreu o acidente.

A denúncia foi feita ontem à noite pelo irmão de Baltazar, Izaías Damas Silva, que acompanhou de perto a tentativa da enfermeira Zélia, de plantão no dia 7 passado, no HRAN, em retirar com uma gilete os pontos que prendiam a sonda no paciente. "Ela acabou cortando o cateter e ao perceber que o tubo havia desaparecido saiu apavorada para chamar o médico. O doutor Júlio chegou e ainda tentou pescar o tubo com uma pinça, mas não conseguiu" afirmou Izaías.

ACIDENTE

Baltazar era casado com Maria José de Resende, tinha uma filha Polyanna, dois anos, e morava em Patos de Minas (MG). Esta era a segunda vez que procurava o sistema de saúde de DF em busca de socorro médico. A primeira aconteceu em novembro, pelo mesmo problema de infecção intestinal — reto-colite —, quando teve sorte. No início de março passado, entretanto, começou a evacuar sangue e mais uma vez recorreu aos hospitais de Brasília, conseguindo internação no HRAN no dia 7 de março.

Na manhã da última se-

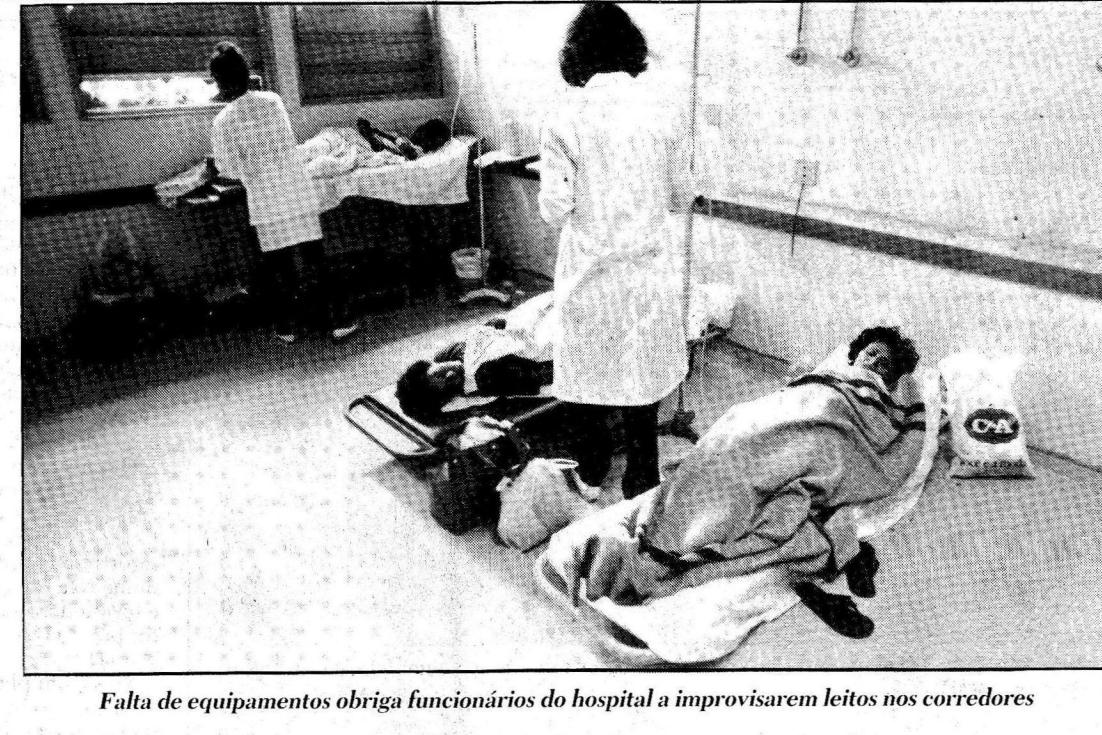
gunda-feira, por volta das 9h, a enfermeira Zélia chegou ao 503 disse que iria retirar a sonda de Baltazar. Ele já poderia se alimentar normalmente. Na operação, contudo, a ponta do cateter sumiu no corpo de Baltazar. "Depois que o doutor Júlio viu que não conseguia encontrar o cateter providenciou a remoção do Baltazar para o Hospital de Base, onde chegamos perto de 9h30. Fomos para a Hemodinâmica", explicou Izaías.

CIRURGIA

O irmão da vítima lembrou ainda que naquela unidade do HBB os médicos localizaram o cateter ainda na traqueia, mas não conseguiram retirá-lo. "Levaram a gente de volta para o HRAN e só ontem (terça-feira), por volta das 6h30 nos trouxeram de volta para o Hospital de Base" continuou.

"Me disseram que ele teria de fazer uma cirurgia. Colocaram ele no corredor, numa maca, onde ficamos aguardando até às 18h30 pela liberação de uma sala de cirurgia", disse o irmão. De acordo com suas declarações, a cirurgia durou até à meia-noite, quando os médicos saíram do Centro Cirúrgico e o informaram que Baltazar teria de ir para a UTI. Izaías questiona se não houve falha pela demora entre o atendimento de manhã e a cirurgia no início da noite. "Acho que se eles sabiam da gravidade do caso não deveriam ter esperado tanto" disse incerto.

Levado para a UTI, Baltazar foi novamente submetido à cirurgia. Do lado de fora, Izaías não era informado do que se passava, até que às 3h resolveu perguntar aos médicos o que estava acontecendo. Soube que o irmão havia morrido às 2h20, não resistindo à intervenção.



Falta de equipamentos obriga funcionários do hospital a improvisarem leitos nos corredores

Salazar espera pelos recursos

O vice-diretor do Hospital Regional de Planaltina, Luiz Henrique Paiva Salazar, qualificou de "proveitosa" a visita do Presidente Fernando Collor ao hospital. Ele acredita que "agora o Governo deve começar a liberar recursos para a saúde". Salazar revelou ainda que alguns médicos consideram "constrangedora" a atitude do ministro da Saúde, Alceni Guerra, de conferir o ponto dos profissionais, fazendo uma espécie de chamada para confirmar os presentes ao plantão.

O HRP, no entanto, não mudou sua rotina de trabalho. As dificuldades continuam com a falta de material, remédios, roupas e equipamentos. Salazar informou que, embora tenha feito um pedido de emergência, muitos medicamentos estão em falta na Farmácia Central. "Um dos antibióticos, Oxalina, foi reivindicado ao Presidente por uma

mãe. O nosso pedido registra 200 ampolas. A farmácia não mandou nenhuma", disse Salazar.

A regional de Saúde de Planaltina engloba o hospital, um centro de Saúde e sete postos rurais. Por falta de recursos humanos e equipamentos estão desativados o Centro de Saúde e mais dois postos rurais. Ao todo são 108 médicos divididos nas áreas de atendimento. A enfermaria possui 46 leitos e no pronto-socorro, 46 macas para observação. Apesar das dificuldades, o HRP tem o menor índice de infecção hospitalar de todas as regionais, que é de 1,1 por cento quando o máximo permitido pela Organização Mundial de Saúde é de 5 por cento.

Somente no pronto-socorro são atendidos 400 casos por dia, informou Salazar, que acrescenta ainda a necessidade de um serviço de ortopedia, para atender aos vários casos

que chegam ao hospital e precisam ser encaminhados para outros locais. O hospital também precisa de um cardiologista.

Segundo Salazar, o HRP é um hospital classificado como "de pequeno porte" e faz um atendimento de uma unidade de médio porte. Vários equipamentos estão quebrados, o que dificulta o trabalho dos médicos. Uma das caldeiras está quebrada há um ano e três meses, o único aparelho de Raio X também não funciona, o laboratório só faz exames de emergência. As roupas disponíveis no HRP não são suficientes para as duas trocas diárias.

Quanto ao caso da morte do bebê Ozanir Andrade, de um ano de idade, o vice-diretor informou que a comissão de sindicância formada pelo hospital já concluiu o inquérito administrativo.

Richelieu apura o caso

O secretário ressaltou que, a partir de agora, as próximas sindicâncias não envolverão sindicantes do próprio hospital e talvez sequer da Fundação Hospitalar. "Precisamos de resultados mais confiáveis, principalmente para satisfazer a opinião pública", disse José Richelieu, que justificou a demora na sindicância do caso de Marcos Alves de Farias, de Ceilândia, com a tentativa de formar uma equipe de investigação.

Contradições nas declarações prestadas pelos familiares do bebê Ozanir Andrade e o vigilante que estava na portaria do Hospital Regional de Planaltina fizeram com que a Secretaria de Saúde encaminhasse a sindicância ao procurador da Fundação Hospitalar do DF, ao CRM e à Secretaria de Segurança Pública — que instaurou inquérito policial através da 16ª DP. "O guarda disse que em momento algum falou aos familiares de Ozanir que os médicos estavam almoçando e que a família também não disse a ele que a criança estava grave. A família falou o contrário".

Segundo José Richelieu, diante disso os hospitais terão de apresentar em 48 horas o resultado de sindicâncias. "Não instauramos inquérito porque não houve denúncia de erro médico, sequer pelos familiares. Se houver, nós abriremos o inquérito imediatamente", garantiu o secretário. A morte de Baltazar aconteceu um dia após a visita do ministro da Saúde, Alceni Guerra, e do presidente Fernando Collor ao Hospital de Planaltina, onde o bebê Ozanir Andrade morreu na semana passada sem ser atendido pelos pediatras de plantão.

Polícia do Bandeirante investiga negligência

O fato foi levado ao conhecimento da polícia e, tão logo tomou conhecimento do ocorrido, o delegado Juvenal da Cruz determinou a instauração de inquérito, "para não pairar dúvida sobre o trabalho da polícia que assim procede em caso de mortes dolosas, e culposas, além das quais onde a causa não foi devidamente esclarecida".

Maria da Conceição declarou ao delegado assistente da 11ª DP, Paulo César, ter ouvido do médico que Tchaule estava gripado e que os vômitos e a diarréia eram consequência da febre. O pediatra João Bento já havia atendido o bebê em ocasiões anteriores. Logo que chegou em casa com a criança, Maria da Conceição notou uma sensível melhora em seu estado clínico. Pouco tempo depois, Tchaule voltou a apresentar os mesmos sintomas, "revirando os olhos e bastante frio".

Os pais solicitaram uma ambulância, mas "ela só é cedida em caso de acidente grave, gravidez e loucos", conforme ouviram do funcionário do posto que atendeu o telefone.

Roriz processa a CUT

O ex-governador Joaquim Roriz vai processar, por injúria e difamação, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), os sindicatos dos Médicos, Enfermeiros, o Hospital de Base de Brasília (HBB) e a Fórum Propaganda, que o acusaram, através de filmes publicitários levados ao ar entre 7 e 30 de abril últimos, de ser o responsável pela situação caótica do sistema de saúde do DF. Ontem, por intermédio de seu advogado, Aidano Faria, ele deu início à ofensiva, acionando o Tribunal de Justiça do DF.

Aidano Faria deu entrada no TJDF com um pedido de notificação judicial, onde são feitos questionamentos sobre os filmes publicitários. Depois do despacho do juiz, CUT, sindicato dos Médicos, Enfermeiros, HBB e Fórum Propaganda, terão 48 horas para responderem perguntas como: a procedência dos recursos aplicados na elaboração e veiculação dos informes; participação de cada parte; origem da ideia; autorização das imagens dos doentes e do hospital.

O representante de Roriz atacou também em outras três fontes. Encaminhou notificações extrajudiciais à Fórum Propaganda — solicitando direito de resposta nos mesmos termos dos informes divulgados — e às redes Globo e Bandeirantes, pedindo a conservação das fitas de vídeo com os filmes publicitários, que serão utilizadas como provas materiais do crime. Por último, foi feita uma representação junto ao Conselho Regional de Medicina contra todos os



Aidano entregou a petição no TJDF

médicos que participaram das "propagandas políticas-eleitorais".

Para desencadear o contra-ataque, o ex-governador Joaquim Roriz vale-se da Lei de Imprensa e dos artigos 139 a 141 do Código Penal. Nessa primeira fase de ação, o advogado Aidano Faria pretende recolher as informações para depois dar entrada com o processo de injúria e difamação. Se condenadas, as entidades serão multadas, seus presidentes podem pegar de três meses a um ano de prisão, e os profissionais que participaram dos informes podem ficar até dois anos detidos.

As penalidades contra o Fórum Propaganda serão mais pesadas. Além de seus diretores poderem ser punidos com prisão, terão, segundo Aidano Faria, de patrocinar a veiculação das respostas de Joaquim Roriz, no mesmo horário, tempo de duração e número de dias destinados aos filmes da CUT e demais entidades: "Ela não tem escolha, ou faz tudo por bem, em 24 horas, ou teremos que acionar a Justiça", afirma o advogado.

Os custos iniciais levantados por Aidano Faria indicam o pagamento de quase Cr\$ 2 milhões pelas inserções nas tevê Globo e Bandeirantes durante os dias 7 e 30 de abril. O material televisivo, com a resposta de Roriz, já está elaborado.